

## 1

Há trinta ou quarenta anos, numa das cidadezinhas cinzentas ao longo do caminho-de-ferro de Burlington, hoje bem mais cinzentas do que então, havia uma casa bem conhecida, desde Omaha até Denver, pela sua hospitalidade e por um certo encanto na atmosfera que ali reinava. Bem conhecida, diga-se, da aristocracia ferroviária daquele tempo; homens que detinham cargos na companhia de caminhos-de-ferro em si ou numa das várias companhias de transacção de terrenos que dela tinham emanado. À época, bastava dizer que um homem estava «ligado à Burlington» para não ser preciso dizer mais nada. Havia os directores, os administradores, os vice-presidentes, os superintendentes, cujos nomes todos nós conhecíamos e cujos irmãos mais novos e sobrinhos eram revisores de contas, despachantes, assessores deste ou daquele departamento. Todas as pessoas «ligadas» à companhia de caminhos-de-ferro, mesmo os grandes comerciantes de gado e de cereais que expediam as suas mercadorias pela via férrea, possuíam livres-trânsitos anuais; eles e as famílias viajavam imenso naqueles comboios. Havia então, nos Estados das pradarias, dois estratos sociais bem distintos: por um lado, os colonos, operários e artesãos que estavam ali para ganhar a vida e, por outro, os banqueiros e rancheiros abastados que vinham da costa atlântica para investir dinheiro e «desenvolver o nosso magnífico Oeste», como então se dizia.

Quando percorriam a linha férrea num ou noutro sentido para tratar de assuntos não muito urgentes, os responsáveis da Burlington gostavam de se apelar do expresso e pernoitar numa casa acolhedora onde o seu estatuto fosse delicadamente reconhecido; e a verdade é que não havia casa mais acolhedora do que a moradia do capitão Daniel Forrester, em Sweet Water. O próprio capitão, na qualidade de empreitei-

ro, era um homem ligado aos caminhos-de-ferro, tendo construído para a Burlington centenas de quilómetros de linhas férreas que sulcavam as extensões de artemísia e pastagens até penetrarem no coração das Montanhas Negras.

A casa dos Forrester, como toda a gente lhe chamava, nada tinha de notável; os moradores é que a faziam parecer muito mais ampla e bela do que era na realidade. Erguia-se numa colina baixa e arredondada, quase um quilómetro e meio a leste da povoação; era uma casa branca com um corpo central e uma ala lateral e telhados de abas bastante inclinadas para não acumularem neve. Rodeavam-na longos alpendres, demasiado estreitos para os modernos padrões de conforto, apoiados nas colunas arrebicadas e frágeis daquela época em que nenhum honesto varão de madeira escapava ao suplício do torno mecânico, transformando-se inevitavelmente num objecto hediondo. Despojada das trepadeiras que a cobriam e da sua orla de arbustos, a casa teria provavelmente uma aparência bastante feia. Encontrava-se na orla de um belo bosque de choupos-do-Canadá que a vinha abraçar, lançando ramos acolhedores à esquerda e à direita, e que cobria toda a encosta por trás do edifício. Assim empoleirada no alto do monte, tendo como pano de fundo esta floresta viçosa, era a primeira coisa que surgia aos olhos do viajante que chegava de comboio a Sweet Water, e a última visão que se lhe oferecia ao partir.

Para alcançar a propriedade do capitão Forrester era preciso, antes de mais nada, atravessar um riacho largo e arenoso que corria ao longo da orla oriental da cidade. Feito isto, pela ponte para peões ou a vau, entrava-se na vereda privativa do capitão, bordejada por álamos negros, com amplos prados a espriarem-se de um e de outro lado. Mesmo no sopé da colina onde a casa se erguia, atravessava-se um segundo regato por uma sólida ponte de madeira. Este curso de água descrevia meandros e curvas ao sabor do acaso através dos vastos prados que tinham tanto de pastagens como de pântanos. Qualquer outra pessoa que não o capitão Forrester teria drenado aquelas terras, convertendo-as em campos de cultivo extremamente produtivos. Ele, porém, escolhera aquele lugar há muito tempo porque o achava belo, e a verdade é que gostava da maneira como aquele regato serpenteava através da pastagem, com hortelã, cavalinhas e salgueiros de folhagem cintilante nas margens. Vivia desafogadamente para a época, e não tinha filhos. Podia dar-se ao luxo de satisfazer os próprios caprichos.

Quando, conduzindo o seu charabã, trazia da estação amigos de Omaha ou de Denver, gostava imenso de os ouvir tecer comentários elogiosos acerca das suas belas cabeças de gado que pastavam de ambos os lados da vereda. E, quando alcançavam o alto do monte, agradava-lhe igualmente ver homens mais velhos do que ele a saltar agilmente para o chão e a correr em direcção aos degraus da entrada, no momento em que Mrs. Forrester surgia no alpendre para os saudar. Mesmo o mais rude e frio dos seus amigos, um certo banqueiro de Lincoln, de rosto chupado, parecia animar-se quando pegava na mão da dona da casa, tentava mostrar-se à altura do alegre desafio que pairava nos olhos dela e responder com vivacidade à saudação prazenteira que lhe brotava dos lábios.

Ela encontrava-se sempre ali, na soleira da porta principal, para dar as boas-vindas às visitas, tendo-se apercebido da chegada destas pelo som dos cascos e pelo rumorejar das rodas na ponte de madeira. Se por acaso estava na cozinha, a ajudar a cozinheira checa, surgia de avental, a agitar uma colher de ferro besuntada de manteiga, ou acenava ao recém-chegado com os dedos manchados de sumo de cereja. Nunca se dava ao trabalho de prender as madeixas de cabelo que se soltavam dos ganchos; a aparência ligeiramente descuidada tornava-a ainda mais sedutora, e ela sabia-o bem. Certa vez, acorrera à porta de penteador, de escova na mão e com os longos cabelos negros a tombarem-lhe em cascata sobre os ombros, para receber Cyrus Dalzell, presidente da Colorado & Utah, e este grande homem sentira-se lisonjeado como nunca antes. Aos olhos dele, e aos olhos de todos os outros homens de meia-idade que visitavam aquela casa, embevecidos, bastava que Mrs. Forrester decidisse fazer uma coisa para esta passar a ser «própria de uma senhora». Eram incapazes de a imaginar em qualquer indumentária ou situação em que não se mostrasse encantadora. O próprio capitão Forrester, homem de poucas palavras, contou ao juiz Pommeroy que nunca a vira mais cativante do que no dia em que o touro novo desatou a persegui-la no pasto. Ela esquecera-se do touro e entrou no prado para apanhar flores silvestres. O capitão ouviu-a gritar e, enquanto corria pela encosta abaixo, esbaforido, viu-a escapulir-se ao longo da orla do paul, qual lebre, perdida de riso, recusando-se teimosamente a largar a sombrinha carmesim que fora a causa de todo aquele incidente.

Vinte e cinco anos mais nova do que o marido, Mrs. Forrester era a segunda mulher do capitão. Ele desposara-a na Califórnia e trouxera-a para Sweet Water logo após o casamento. Já então chamavam àque-

le lugar «a nossa terra», embora só lá morassem escassos meses por ano. Mais tarde, porém, depois da horrível queda de cavalo que o capitão sofreu nas montanhas, esfacelando-lhe o corpo de tal maneira que deixou de poder construir linhas férreas, ele e a mulher retiraram-se para a casa da colina. O capitão envelheceu ali, e até ela, por muito que custe dizê-lo, envelheceu também.

## 2

Mas vamos começar esta história por uma manhã de Verão há já muito tempo, quando Mrs. Forrester era ainda uma jovem e Sweet Water uma cidade da qual se esperavam grandes coisas. Naquela manhã, ela estava a dispor numa jarra de vidro um ramo de antiquadas rosas de tonalidade delicada, no amplo escaninho formado pela janela saliente da sala de visitas. Ao erguer o rosto, viu um grupo de rapazitos que se aproximava pelo caminho de acesso à casa, descalços, trazendo canas de pesca e lancheiras. Ela conhecia a maior parte deles: lá estava Niel Herbert, sobrinho do juiz Pommeroy, um bonito rapaz de doze anos de quem ela gostava; e George Adams, muito cortês, filho de um rancheiro abastado oriundo de Lowell, no Massachusetts. Os outros eram somente rapazitos da terra; o filho ruivo do açougueiro, os gémeos gordos e morenos, filhos do dono da maior mercearia da povoação, Ed Elliott (cujo pai, já velho mas ainda galanteador, tinha uma sapataria e era o Don Juan das classes baixas de Sweet Water), e os dois filhos do alfaiate alemão — garotos pálidos e sardentos, de roupas andrajosas e cabelos hirsutos da cor da ferrugem, a quem ela às vezes comprava peças de caça ou peixes-gato quando eles apareciam à porta da cozinha, silenciosos e semelhantes a espectros, e, numa voz que mal se ouvia, lhe perguntavam se ela queria «comprar peixe esta manhã».

Enquanto os garotos subiam a encosta, ela viu-os hesitar e trocar algumas palavras. — Pede-lhe tu, Niel.

— É melhor seres tu, George. Ela vai imensas vezes a tua casa e a mim quase só me conhece de vista.

No momento em que eles se detiveram diante dos três degraus que conduziam ao alpendre na parte da frente da casa, Mrs. Forrester sur-